



VOZES GUARANI M'BYA: TECNOLOGIAS MULTIMODAIS PARA A VALORIZAÇÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL E LINGUÍSTICO

AUTORES

Vanessa Elsas Porfírio de Faria, Maria Eduarda Barroso Prado, Sofia Froner

RESUMO

Apresentam-se os resultados iniciais da pesquisa, que busca fortalecer a diversidade linguística e as narrativas dos guaranis m'bya da Aldeia Pira Rupa com recursos de tecnologias da informação e comunicação. Baseada nas perspectivas críticas e contra colonial sobre as práticas de linguagem, metodologicamente serão promovidos registros e análises das narrativas com os indígenas. Espera-se contribuir para a salvaguarda do patrimônio linguístico e cultural e memória coletiva dos guaranis M'bya.

PALAVRAS-CHAVE

Cultura guarani, diversidade linguística, narrativas indígenas, tecnologias da informação e comunicação

GRANDE ÁREA

LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES (80000002)

ÁREA

LINGUÍSTICA (80100007)

INTRODUÇÃO E OBJETIVOS

A língua ocupa papel central na organização simbólica e espiritual dos povos indígenas. Ailton Krenak afirma que narrar é reexistir: a palavra não descreve o mundo, ela o cria continuamente (KRENAK, 1992). A “palavra-alma”, nas narrativas, rezas ou nos cantos, não é apenas um meio de comunicação, mas um modo de ser. Ela é corpo, território, tempo e memória.

De acordo com o Censo 2022 (IBGE, 2024), o Brasil tem 295 línguas indígenas faladas por 391 povos, que enfrentam relevantes desafios para preservação de sua cultura e tradições diante de políticas linguísticas que fortaleceram o imaginário do monolinguismo no país ao longo da história.

A Constituição de 1988, reconheceu aos indígenas o direito à língua, cultura e educação próprios. A salvaguarda do patrimônio cultural indígena foi favorecida com o Decreto nº 3.551/2000, que possibilitou o registro de bens culturais de natureza imaterial, e o Decreto 7.387/2010, que incluía as línguas autóctones no Livro de Registro para as Línguas Brasileiras. Assim, surgiu o Inventário Nacional da Diversidade Linguística (INDL), política para o reconhecimento da diversidade linguística como patrimônio cultural (IPHAN, 2024). Nesse contexto, a pesquisa busca registrar, analisar e divulgar as narrativas como patrimônio cultural e linguístico dos guaranis M'bya da Aldeia Pira Rupa, em Palhoça-SC, a partir de seu protagonismo na realização dos registros e análises, articulando-se aos objetivos da aldeia de reflorestar mentes.

METODOLOGIA

O estudo baseia-se na perspectiva do IPHAN de que entre os atores integrantes da política linguística “o mais importante deles são as comunidades linguísticas, ou seja, os grupos de pessoas que falam determinadas línguas e que as reconhecem como parte integrante da sua identidade, do seu modo de viver e de estar no mundo” (IPHAN, 2024).

Metodologicamente, apoia-se na etnografia crítica e perspectiva contracolonial (BISPO DOS SANTOS, 2023), que “demanda uma preocupação não apenas com a técnica, mas também com implicações mais profundas, tais como, as teorias que fundamentam a pesquisa, o nível de reflexividade do pesquisador e a necessária perspectiva de historicidade dos fenômenos investigados” (MAINARDES, MARCONDES, 2011, p.434).

Os estudos sobre memória e tradição dos povos indígenas e o conceito de patrimônio cultural que têm ampliado a necessidade de participação mais ativa dos sujeitos e povos, propomos uma pesquisa voltada para o registro da memória coletiva dos guaranis M'bya do Morro dos Cavalos, aqui entendida como “o que fica do passado no vivido dos grupos, ou o que os grupos fazem do passado” (LE GOFF, 2003, p. 467).

Com base em Fonseca (1996), compreende-se que os sujeitos indígenas também serão pesquisadores de suas próprias narrativas e patrimônio cultural.

O trabalho possui as etapas: revisão de literatura; rodas de conversa e definição de escopo dos registros, trabalho de campo e realização dos registros; relatórios e divulgação dos resultados.

RESULTADOS

A pesquisa iniciou em setembro de 2025, está na fase de revisão de literatura. Entre os

resultados parciais dessa etapa, destaca-se o estudo das concepções indígenas sobre narrativas em diálogo com o pensamento de Nego Bispo, pensador e griô quilombola, sobre o contracolonialismo, compreendido como uma forma de resistência que através da linguagem opera na recusa hegemonia do discurso colonial (BISPO DOS SANTOS, 2023).

Para Bispo (2023), narrar também é ato de criar realidades, fortalecer laços comunitários e manter viva a memória ancestral. Em sua visão, a “ginga contracolonial” é o movimento político e poético que permite ao corpo escapar das lógicas de colonização do pensamento.

De modo semelhante, Márcia Wayna Kambeba (do povo Omágua/Kambeba) entende a narração e o canto como práticas de materialização da existência. Em “Ay Kakyri Tama”, “Eu moro na cidade” (2013), a autora canta o deslocamento da aldeia para o espaço urbano sem abandonar a sonoridade ancestral. Para Kambeba, a língua tem corpo e ritmo, é o som do território. Narrar também é reencantar o mundo e sua poesia canta a floresta no asfalto. A voz se torna ponte entre mundos e, ao mesmo tempo, instrumento de resistência.

A perspectiva de Kambeba é bastante cara, especialmente, para as aldeias rodeadas pelos centros urbanos e para os indígenas que se deslocam para a vida na cidade, pois reafirma que o território e a ancestralidade moram nos discursos e narrativas dos sujeitos indígenas, onde quer que estejam.

Cristino Wapichana (2017) também aponta que a oralidade e a música são inseparáveis, a fala poética é uma forma de lembrar coletivamente. Dessa maneira, Bispo, Kambeba e Wapichana concebem que a narrativa revela a existência compartilhada: narrar é ser, lembrar e recriar-se no coletivo, é um gesto de autonomia e espiritualidade, um modo de “confluenciar” (BISPO DOS SANTOS, 2023) entre corpo, memória e cosmos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As tecnologias de informação e comunicação podem ser utilizadas como instrumentos estratégicos para favorecer a preservação e divulgação da língua e cultura indígena, conforme a Declaração Universal dos Direitos Linguísticos, de 1996, que afirma “Todas as comunidades linguísticas têm direito a dispor dos meios necessários para assegurar a transmissão e a continuidade de futuro de sua língua”.

As lutas dos guaranis m’bya continuam a pautar o diálogo e a educação como caminhos para a afirmação e concretização de seus direitos. Para essas lutas, a língua e as narrativas são centrais.

Ainda temos muito a caminhar com os indígenas para o desenvolvimento da pesquisa, que está comprometida com a salvaguarda do patrimônio linguístico dos guaranis a partir de seu protagonismo no registro e análises das narrativas, valorizando suas próprias lógicas, cosmovisões e métodos de produção e validação do conhecimento.

LINK DO VÍDEO

https://drive.google.com/file/d/11TjKNGdbo5_oB51HSXZUYpqrAsV_k_9E0/view?usp=sharing

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BISPO DOS SANTOS, Antônio. A terra dá, a terra quer. São Paulo: Ubu, 2023.
- BRASIL. Decreto Nº 3.551, de 04 de Agosto de 2000. Disponível em: Acesso em: 01 de Novembro de 2025
- _____. Decreto 7.387, de 09 de dezembro de 2010. Disponível em www.planalto.gov.br/ccivil03/_Ato2007.../Decreto/D7387.htm. Acesso em: 15 mai. 2025
- BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo Demográfico 2022: indígenas: principais características das pessoas e dos domicílios, por situação urbana e rural do domicílio: resultados do universo. Rio de Janeiro: IBGE, 2024. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=73111>. Acesso em: 9 nov. 2025.
- IPHAN. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/140>. Acesso em: 27 mar. 2025.
- _____. Programa Nacional do Patrimônio Imaterial (PNPI). Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Anexo%201%20PNPI.pdf>. Acesso em: 14/09/2025
- KAMBEBA, Márcia Wayna. Ay Kakyri Tama: eu moro na cidade. Editora Jandaíra, 2021.
- KRENAK, Ailton. Antes, o mundo não existia. In: NOVAES, Adauto (org.). Tempo e História. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- LE GOFF, Jacques. História e Memória. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.
- MAINARDES, Jefferson; MARCONDES, Maria Inês. Reflexões sobre a etnografia crítica e suas implicações para a pesquisa em educação. Educação e Realidade, Porto Alegre, v. 36, n. 2, p. 425-446, 2011.
- OLIVEIRA, G. M. Declaração Universal dos Direitos Lingüísticos. São Paulo: Mercado de Letras, Associação de Leitura do Brasil; Florianópolis: IPOL – Instituto de Investigação e Desenvolvimento em Política Lingüística, 2003.
- _____. Ideias para adiar o fim do mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- WAPICHANA, Cristino. A boca da noite. Grupo Editorial Zit, 2017.

AGRADECIMENTOS

A equipe do projeto agradece ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq e ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina – IFSC, pelo apoio recebido, viabilizando a execução das atividades do projeto de pesquisa.